

# FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E OS IMPACTOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

FABIANA PEREIRA COSTA<sup>1</sup>  
LUCIANA MATIAS CAVALCANTE<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

**É** de conhecimento de todos que inúmeros acontecimentos em determinados períodos da História da humanidade foram responsáveis por desafios que conseqüentemente, geraram profundas e importantes mudanças. Ao analisarmos a nossa recente história o ano de 2020 entra nessa particularidade.

Diante da pandemia mundial causada pelo novo Corona vírus (Sars-CoV-2), assim os seguimentos da vida em sociedade foram paralisadas no país desde março de 2020, a educação e sua prática seguiram interrompidas, inicialmente, por 15 dias de suspensão das aulas. Entretanto, com os aumentos nos números de casos de covid-19 nos estados e municípios, as aulas continuaram suspensas e diante de tal cenário nacional e mundial as instituições de ensino se viram cada dia mais pressionadas sobre os rumos em que se tomaria com a paralisação das aulas.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 17 de março de 2020, por intermédio da portaria nº 343 autoriza a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, com duração de trinta

1 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr, fabianapereracosta51@gmail.com;

2 Pedagoga, Doutora em Educação Brasileira, professora associada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr e orientadora desse trabalho. Email: luciana@ufpi.edu.br .

dias havendo a possibilidade de prorrogação de tal portaria, entrando em vigor imediatamente após a sua publicação (BRASIL, 2020). Em 16 de junho, por meio da portaria nº 544 a duração das aulas por meios digitais foi prorrogada até 30 de dezembro de 2020 e esta passou a ser autorizada a realização dos Estágios Supervisionados dos Cursos de Graduação das Instituições de Ensino Superior (IES), sendo que esta prática deveria ser analisada de acordo com as Diretrizes Curriculares de cada curso e de acordo com a organização da instituição (BRASIL, 2020).

Assim, em decorrência do atual cenário pandêmico, as IES tiveram que propor alternativas para repensar a reestruturação da oferta dos estágios curriculares. Com a suspensão das atividades educacionais presenciais vários estabelecimentos de ensino tiveram que se adaptar para a adoção de atividades remotas, procurando formas que pudessem tornar ambientes virtuais em ferramentas de aprendizagem.

Através dos marcos institucionais a educação entrava oficialmente no processo de adaptação de estruturação do Ensino remoto. Com as universidades o processo ocorreu de forma similar à educação básica buscou seguir com as aulas de forma remota, para minimizar os impactos dessa pandemia, uma vez que, mesmo com ferramentas tecnológicas presentes no cotidiano escolar, o ensino como o conhecemos, presencial, foi privado aos estudantes.

Partindo do contexto da pandemia, os professores foram levados a utilizar e inserir novas metodologias de ensino, até então, apenas comentava-se sobre os benefícios do seu uso e em alguns casos sua utilização era escassa no campo educacional básico. Esses novos conhecimentos, englobados na necessidade da alfabetização digital, e que segundo Cool (2010 apud COSTA, 2014. p. 54) “[...] é o ter o domínio funcional das tecnologias de leitura e da escrita para ter acesso ao conhecimento, imprescindível na sociedade da informação [...]”, fatores esses que tornaram possível o ensino remoto. Plataformas como: *Google Classroom, Hangoout Meet, Zoom, Teams, Sway, Flipgrid, Youtube, Instagram, Whatsap*, canais interativos de TVs, entre outras ferramentas, serviram de auxílios, em um primeiro momento, para aumentar as ações alternativas no que tange ao processo de ensino e aprendizagem. É importante destacar que antes os professores não dispunham em seus planejamentos tais ferramentas e se viram

obrigados a recorrer a tais subsídios, que ocorreu de forma repentina e sem um conhecimento prévio de suas funcionalidades.

Destacamos que os estágios supervisionados sofreram agravantes. Estes necessitam da vida escolar de forma presencial para sua formação docente, pois através de suas observações e convivência com esse ambiente conseguirão relacionar teoria e prática. Diante das inúmeras dificuldades para a observação, como por exemplo, a instabilidade no sistema provedor de Internet, falta de aparelhos (celulares, computadores, notebooks), ausência de cursos de informática, o emocional e o físico dos alunos contribuíram para a incerteza da eficiência desses métodos utilizados de forma tão rápida. Onde os professores também necessitam de uma capacitação para poder utilizar-se dessas tecnologias dentro do ensino- aprendizagem, dependendo também da infraestrutura escolar para a adaptação dessas tecnologias e outras implicações como o acesso de internet de qualidade e entre outros, foi nessa conjuntura que pudemos vivenciar a experiência na prática de lecionar durante os estágios, por meio das aulas online e a produção de conteúdos via *whatsaap* e outras plataformas digitais.

Sendo assim, este presente trabalho tem como ponto de partida a seguinte questão norteadora: Como que o Estágio Supervisionado Não Presencial pode propiciar a ressignificação da formação inicial de professores para os anos iniciais do ensino fundamental a partir de experiências no Ensino Remoto Emergencial utilizando as ferramentas tecnológicas?

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada consiste na exposição de autores que abordam o papel e a importância da reflexão dos métodos e ferramentas utilizadas na educação remota, bem como os elementos que impedem que essas habilidades sejam desenvolvidas de forma eficaz e efetiva.

A produção do presente artigo possibilitou o aprofundamento dos conhecimentos, reflexão e investigação dos envolvidos acerca do tema pesquisado. O principal objetivo consiste na análise a respeito dos fatores que ocasionaram as dificuldades e os avanços que cercaram a educação no Ensino Fundamental durante as aulas remotas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O enfrentamento do Covid-19 requer um esforço global o qual todos os indivíduos precisam se comprometer. Instituições de ensino não fogem desta regra, até porque nelas muitas pessoas se encontram. Para conciliar os estudos, a profissão de professores e a necessidade do aprendizado no tempo de pandemia, quase todas as escolas aderiram ao Ensino Remoto Emergencial. Em resumo, a crise de saúde causada pela Covid-19 resultou no fechamento de escolas e universidades, afetando mais de 90% dos estudantes do mundo. (UNESCO, 2020, n.p.).

Essa realidade se tornou presente durante o isolamento, em que as plataformas digitais se tornaram uma via de escape para tal problemática assim vivenciada pelo mundo. Porém o ensino à distância (EAD) já era uma realidade de ensino no Brasil, todavia deve-se considerar o ensino remoto emergencial como sendo uma adaptação com base nas experiências do ensino à distância com o uso das TICs para complemento do ERE durante a pandemia do Covid-19, para a realização das atividades direto de casa, utilizando as ferramentas opcionais como atividades assíncronas e síncronas, em que assíncrona remete as atividades disponibilizadas dentro da plataforma digital de preferência da instituição trabalhada, onde o professor de forma simultânea, referente sua disciplina. As atividades síncronas são as aulas que o professor transmite ao vivo, sendo também de uma plataforma de sua preferência ou a escolhida pela instituição de ensino em que ele leciona. Dentre elas podem ser o Google meet, zoom, e entre outras. Então foram através desse ensino emergencial que foi mediado as formas de ensino- aprendizagem sem o contato físico e sem riscos à saúde dos alunos.

É interessante ressaltar que durante a observação e com palavras da professora responsável pela turma que muito estudantes acabam por não participar de encontros síncronos devido à falta de acesso à internet, e/ou instabilidade da conexão e falta de equipamento adequado para fazer o acompanhamento dessas aulas, além da família não ter como priorizar esse momento da criança para assistir a uma aula. Nos momentos em que ficamos responsáveis pelas regências da turma acabamos por testemunhar essa condição de algumas famílias, em que não participaram ou ao longo do dia e até mesmo em horários incomuns vieram enviar ou tirar dúvidas sobre alguma atividade.

Essa situação reflete que é de suma importância estreitar e diminuir ao máximo a distância família-escola, pois ambas têm a criança como foco a ser trabalhado; porém é notório que muitas vezes a família apresenta profundo desinteresse em cumprir suas ações educativas. Dessa maneira, Tedesco (2002) afirma que há um vazio no que se refere ao apoio na escola, causando erosão nessa relação.

Essa erosão do apoio familiar não se expressa só na falta de tempo para ajudar as crianças nos trabalhos escolares ou para acompanhar sua trajetória escolar. Num sentido mais geral e mais profundo, produziu-se uma nova dissolução entre família, pela qual as crianças chegam à escola com um núcleo básico de desenvolvimento da personalidade caracterizado seja pela debilidade dos quadros de referência, seja por quadros de referência que diferem dos que a escola supõe e para os quais se preparou (Tedesco, 2002, p. 36).

Dessa forma, percebe-se que a escola enfrenta a vulnerabilidade do contexto social presente em cada aluno, não apenas em uma turma, mas nos indivíduos que a constituem. A evasão escolar, os níveis qualitativos, quantitativos, desnutrição e até mesmo a violência física foram aflorados durante esse período. A escola é vista geralmente pela família como um local onde seus filhos estão protegidos da sua realidade e dessa forma tornam-se pessoas melhores e com mais oportunidades. A família sofreu com o desemprego pois não tinham com quem deixar seus filhos, ao não saber ajudar nas atividades escolares e por não conseguir suprir muitas necessidades que a escola oferecia no tempo em que estavam sob seu teto.

A mediação realizada pelo professor no ensino presencial ficou por muito tempo limitado ao uso da lousa, do livro didático e do conhecimento teórico e prático do docente. Desse modo, com a evolução e aparecimento do uso de novas tecnologias digitais nas escolas, primeiramente com o uso de computadores e, posteriormente com o acesso à internet e às suas infinitas possibilidades, o professor tem introduzindo esses recursos pedagógicos, mudando também a sua forma de lidar com o ensino, porém, isso depende também da iniciativa do educador.

A Educação a Distância (EaD) no Brasil, foi criada e se desenvolveu por meio de iniciativas privadas e decretos governamentais, cumprindo

uma trajetória que acompanha a introdução e o crescimento de cada tecnologia no país. Assim, a EaD passou, pela era do correio, do rádio e da televisão, e vive hoje a era da internet, tendo, em cada período, de acordo com suas circunstâncias, acumulado certa quantidade de erros e acertos, contradições e incoerências não de todo inesperadas, já que vivemos num país com dimensões continentais e com problemas estruturais no campo educacional que demandam correções urgentes,(FERNANDO, Luiz 2013).

Em se tratando da modalidade de Educação a Distância (EaD), está é amparada pelo decreto nº 9.057 de 2017, que regulamenta o art. 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que apresenta a seguinte redação:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017).

Essa modalidade de ensino então surgiu para facilitar e inovar as formas de ensino utilizando das tecnologias para um bom aproveitamento do uso dessas ferramentas, diferentemente do ERE que foi criado como forma de solução para o grande problema que surgiu durante a pandemia de Covid-19 no ano de 2020.

Apesar dessas modalidades inseridas nas aulas remotas que surgem como formas de melhorar e facilitar esse ensino, elas exigem do profissional da educação uma organização maior em relação ao tempo, a produção de atividades educativas, em alguns casos a gravação prévia de videoaula, o manuseio de aparelhos tecnológicos, a produção, edição e publicação de materiais e/ou vídeos educativos etc. Assim, para os profissionais que não estão adaptados ao uso recorrente das plataformas digitais, tampouco a produção de vídeos educativos e videoaulas, o ERE veio para reinventar a prática docente e trazer um novo significado.

Primeiramente vetado, o estágio para os cursos de licenciatura foi autorizado, mais tarde, por meio de observações das aulas remotas

na Educação Básica, visto que o Ministério da Educação aprovou um parecer favorável à continuidade destes estágios, permitindo que os estagiários pudessem observar as aulas dos regentes de turmas através das diversas plataformas tecnológicas, com o intuito de aproximar docentes e discentes por meio de ferramentas já utilizadas pela Educação a Distância (EAD), preconizada na Base Nacional Comum Curricular [BNCC], (BRASIL, 2017), a qual alerta para a necessidade de incorporar o multiletramento em prol de uma escola cidadã, conforme a realidade dos alunos contemporâneos.

Diante desse cenário, os envolvidos com a educação passaram a entender que as ferramentas tecnológicas se tornam importantes na relação entre o aluno e professor e proporcionando a continuidade à aprendizagem na Educação Básica e à formação de futuros educadores nas observações e regências durante os estágios.

De acordo com as ideias dos autores, Andrade e Resende (2010, p. 232) colocam que o estágio “deve possibilitar aos estudantes a realização de uma atividade teórico-prática, crítico reflexiva, respaldada pelo referencial teórico e pelo conhecimento de uma realidade de atuação, devendo articular ensino, pesquisa e extensão”; assim compreende-se que o estágio é o elo entre o tripé ensino, pesquisa e extensão defendida dentro dos espaços da universidade e que devem andar juntos no percurso de formação integral dos discentes.

O estágio durante esse período ocorreu por meio das plataformas disponíveis e escolhidas pelas instituições responsáveis por coordenar essa etapa. Para as reuniões com os professores supervisores do estágio foi utilizada a plataforma Google Meet, onde foram debatidos textos que auxiliassem na percepção e compreensão da importância da observação do estágio, os desafios que poderiam ser encontrados e como contorná-los.

Com base nessas discussões e tomando como cenário o estágio não presencial durante a pandemia, entendemos que, mesmo em condições atípicas, é importante que o aluno atue enquanto estagiário na escola-campo para que possa refletir criticamente acerca dos desafios e possibilidades que esse momento apresenta (Souza e Ferreira, 2020).

O estágio supervisionado deve ser organizado de forma objetiva e prática pelas instituições de ensino a partir de leis, pareceres, portarias, entre outros, buscando discutir os conceitos básicos para o conhecimento pedagógico, bem como as atividades instrumentalizadas da

práxis docente, proporcionando aos estagiários situações de reflexão, ao vincular a teoria e a prática, agregando conhecimento, diálogo e intervenção na realidade cotidiana.

As atividades desenvolvidas durante o estágio devem atender as necessidades do aluno de modo remoto de forma que possam contribuir com a aprendizagem, minimizando os impactos de suspensão das aulas presenciais. O estagio foi realizado de forma remota com o auxílio das ferramentas tecnológicas. O desenvolvimento das informações do estágio foi constituído através de textos e palestras que foram propostas por nossos orientadores. Após a análise dos textos e discussões, percebeu-se que as ferramentas tecnológicas representam um tópico fundamental a ser considerado pelas políticas públicas educacionais. Tardif (2012) chama atenção para esses saberes experienciais construídos a partir da prática profissional, os quais são desenvolvidos durante o trabalho docente na sala de aula.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As aulas na turma do 3º ano por terem sido ministradas no Whatsapp aconteciam de duas formas: a primeira contava com o envio de vídeos pela professora para subsidiar as explicações do tema da aula e na segunda forma acontecia por meio do envio de videoaula criados pelos estagiários e disponibilizados no Youtube, com o intuito de não sobrecarregar a memória do celular que os alunos utilizavam. Em ambas as formas de ministrar as aulas, a professora contava com os seguintes complementos: envio de áudios explicativos dos conteúdos e das atividades propostas, utilização de jogos para introdução dos conteúdos, utilização de questões problematizadas antes de trabalhar o conteúdo e ao final da explicação dos conteúdos era feito o envio de atividades de fixação.

A experiência de estágio revelou que mesmo diante dos vários desafios enfrentados no ERE referentes à preparação de videoaula, organização e seleção dos conteúdos e sistematização dos conhecimentos, ainda assim foi possível evidenciar que esta proporcionou aprendizagens construtivas à formação inicial docente, em especial, quanto à necessidade de reinventar a prática do ensino, sem perder de vistas a preocupação com a sua qualidade.

Cabe reforçar que a falta de acesso à internet e dispositivos eletrônicos adequados, além da falta de formação do professor para lidar com este novo formato de ensino são fatores que impedem que o ERE e o estágio não presencial aconteçam de maneira satisfatória.

Algumas das atividades que foram aplicadas durante o período de pandemia nos mostraram a grande dificuldade que se tem de manter o foco e o desempenho dos alunos no ensino remoto. Mas na elaboração de materiais podemos vivenciar a interação e ver que se necessita de uma capacitação de um preparo maior para utilizar as ferramentas tecnológicas.

O acompanhamento das atividades se dá via Whatsapp, a professora tira as dúvidas dos alunos, explica a tarefa, realiza as correções, segundo ela de forma superficial na sua auto avaliação. Os pais sabem que a frequência se constitui por meio da realização dessas atividades e o envio para o grupo da turma, dessa forma, os pais em muitos casos respondem pelas crianças, dão as respostas. Por ter acompanhado boa parte dos alunos em outras séries ela conhece as potencialidades de cada aluno, mas devido o atual cenário e por receio de prejudicar os alunos, ela não encontra meios de questionar o processo de desenvolvimento por parte das crianças, mas chama a atenção dos pais e questiona não de forma acusadora quando existem letra e respostas bem elaboradas que ela consegue entender que não são das crianças.

Os anos iniciais do Ensino Fundamental é um período em que o educando entrará em contato com novas experiências e acontecerão mudanças no convívio familiar e escolar, essas experiências e transformações proporcionarão ao aluno uma visão mais ampla dele mesmo e sobre a sua cognição. No entanto, é necessário refletir sobre o modo como o Ensino Fundamental está organizado para que possibilite à criança situações que promovam o seu desenvolvimento (DE AGUIAR; GIOTTO, 2015).

É interessante mencionar, que não existiu uma formação ou treinamento que permitisse que esses professores tivessem acesso ao mundo dos recursos didáticos que podem ser utilizados nesse formato remoto, cada um ficou por conta própria. Desafio, esse é o termo que usamos para falar sobre como a professora conseguiu fazer seu trabalho para se referir ao atual cenário que constitui a sua realidade enquanto educadora de escola pública. Para Imbernón:

[...] a profissão já não é a transmissão de conhecimento acadêmico ou a transformação do conhecimento comum do aluno em um conhecimento acadêmico. A profissão exerce outras funções: motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relações com estruturas sociais, com a comunidade [...]. E, é claro, requer uma nova formação: inicial e permanente (IMBERNÓN, 2014, p. 14).

A professora tenta remediar e dar uma maior assistência, reforçando esse material com vídeos produzidos por ela e seus estagiários, produções simples e objetivas, ela se atenta ao fato de que a maioria de seus alunos não possui uma conexão com a internet de qualidade, dessa forma seus vídeos não exigem grandes aparatos para serem visualizados.

A partir dessa premissa surgem contextos que transformam as práticas e o cotidiano, abrindo caminhos para novas descobertas e possibilidades, a se destacar a educação e as suas demandas, que podem contribuir e, ao mesmo tempo, usufruir de infinitas possibilidades através das mídias digitais. E é justamente nesses espaços educacionais que os estágios têm adentrado, por meio da reflexão e da análise do planejamento dos educadores e da condução de suas aulas, a partir do uso das ferramentas digitais e de todas as possibilidades que elas trazem frente ao processo de ensino e de aprendizagem em tempo de pandemia.

Com base nas observações, buscou-se estruturar o projeto de estágio, adequando a à ferramenta do WhatsApp – utilizada nas aulas virtuais. Sendo assim, a cada início de aula, buscamos propor questionamentos e/ou atividades referentes ao tema da aula, com o intuito de estimular a interação e participação dos alunos, bem como auxiliar na identificação do nível de conhecimento que os alunos já possuíam acerca do conteúdo. Os alunos confirmavam a sua presença enviando as atividades do dia e respondendo via Whatsapp no grupo da turma. (Figura 1).



**Figura 1.** Interação com a turma no primeiro momento.

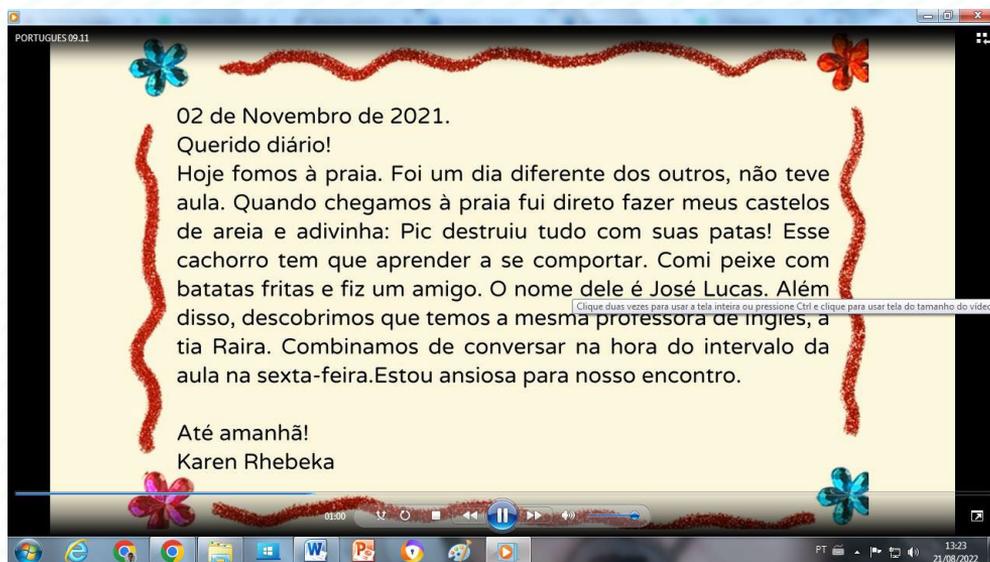
**Fonte:** acervo pessoal da segunda autora.

Nas atividades, produzimos algumas pelo world com e outras foram criadas na plataforma, foram produzidas também agendas personalizadas (Figura 2), cartazes do assunto “Diário” (Figura 3) onde fizemos um exemplo da estrutura de um diário para um melhor entendimento do assunto para as crianças, o cartaz foi narrado e exemplificado, assim como outras atividades que propusemos. Trabalhamos com vídeos relacionados aos seguintes temas: HQ’S (Figura 4), Texto Informativo, Produção textual (Figura 5). Utilizando ferramentas como o *Canvas* que nos forneciam mais opções interativas para as aulas se tornarem didáticas e lúdicas tendo retornos positivos (Figura 6).



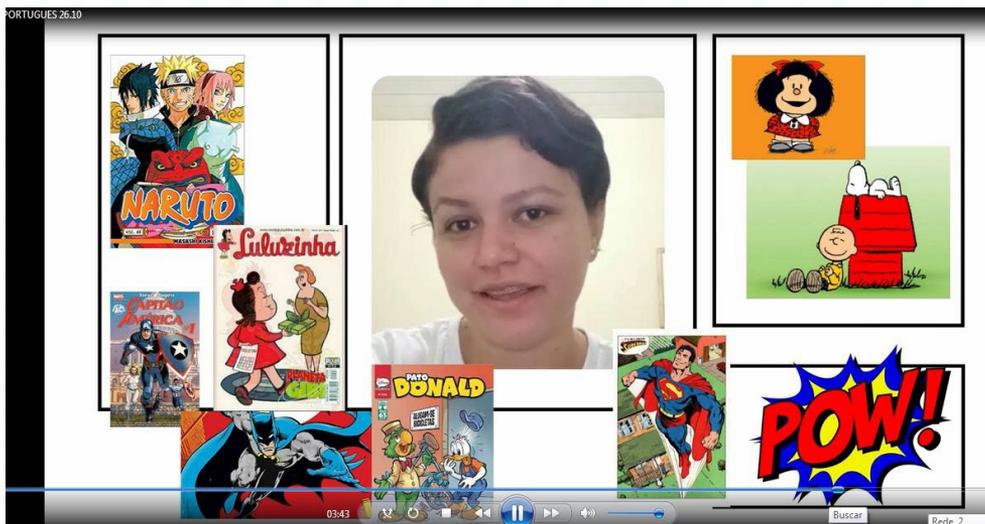
**Figura 2.** Agenda personalizada.

**Fonte:** acervo pessoal da autora



**Figura 3.** Videoaula sobre Gênero Textual Diário.

**Fonte:** acervo pessoal da autora.



**Figura 4.** Videoaula sobre Gênero textual HQ'S.

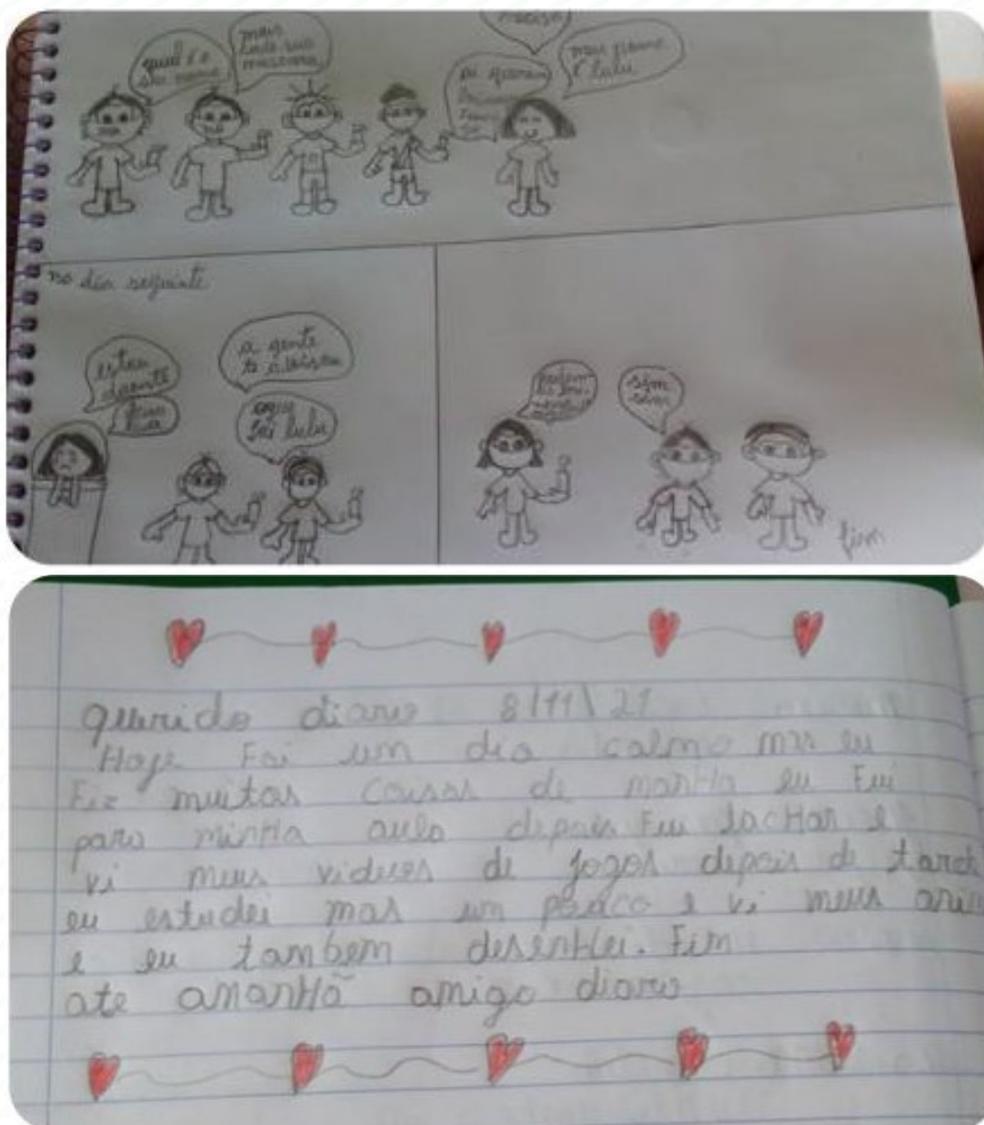
**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Agora é a sua vez!**

Você irá começar seu diário! Ao final do seu dia, escreva como ele foi, os principais acontecimentos e envie no dia seguinte aqui no grupo da turma. Não esqueça de colocar a data e sua assinatura!

**Figura 5.** Produção Textual- Diário Pessoal

**Fonte:** acervo pessoal da autora.



**Figura 6.** Atividades enviadas pelos alunos – Diário Pessoal/Hq's.

**Fonte:** acervo pessoal da autora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificamos durante a observação como podemos nos conscientizar enquanto os alunos estagiários sobre a missão do professor no processo educativo e de escola na comunidade; reconhecer que a ação educativa deve ser planejada e ser capaz de elaborar um plano de ensino; conhecer o campo de sua atuação profissional através de

um relacionamento teórico-prático dos conhecimentos adquiridos nas diversas disciplinas com a realidade vivenciada e assim criar condições que nos torne capazes de diagnosticar situações e realidade, dando oportunidade para uma criatividade didática.

O estágio atividade curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este sim objeto da práxis. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá. (PIMENTA; LIMA, 2006, p.14)

Nossa perspectiva sobre o estágio desde o início mostrou-se que seria algo desafiador, por ser em uma plataforma com fatores que implicam em muitas decisões e situações, bem diferentes da nossa realidade e vivenciando ali as observações notamos que seriam mais difíceis. A produção dos vídeos autoexplicativos nos levou a perceber como trabalhar com as ferramentas que temos, sempre inovando e trazendo algo que prendesse a atenção do aluno e até a nossa também ao produzir.

Portanto, a produção de conhecimento por meio do uso das mídias e de seus recursos tecnológicos se faz necessária e deve ser promovida pelos educadores nos cursos de formação inicial e de formação continuada. Entende-se que seu uso tem potencial de dinamizar o conhecimento e proporcionar maior eficiência às práticas pedagógicas, considerando o seu poder de interação, o qual contribui para superar os desafios enfrentados pela educação, sobretudo em tempo de pandemia. Logo, a mediação pedagógica realizada por meio das mídias enriquece e modifica o modo de lidar com o conteúdo a ser ensinado, possibilitando novas formas de ensinar e aprender, além de diferentes percepções e experiências aos alunos, seja no âmbito do desenvolvimento das disciplinas do curso de Licenciatura, seja no desenvolvimento e acompanhamento dos Estágios Supervisionados.

O medo da interação das crianças nesse formato foi um fator que se fez presente a cada regência, buscamos oferecer didáticas que os alunos compreendessem e se envolvessem para uma melhor avaliação por parte deles e dos estagiários também. Por fim, conclui-se que, apesar de todos os problemas vividos no atual contexto, esse período tem fomentado os debates educacionais e a reflexão sobre o papel das políticas públicas na busca pela qualidade do ensino no Brasil.

## REFERÊNCIAS

COSTA, I. Novas tecnologias e aprendizagem. 2ª edição. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2014.

DE AGUIAR, Beatriz Carmo Lima; GIROTTO, Cynthia Graziella Guizelim Simões. A apropriação da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental: desafios e possibilidades. *Momento-Diálogos em Educação*, v. 24, n. 1, p. 41-58, 2015.

IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2014.

MEC. Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 19/08/2022

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. In: *Revista Poiesis*. Vol. 3, nº3, 4, 2005/2006, pp.5-24. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542/7012>. Acesso em: 14/08/2022.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

TEDESCO, J. C. O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 2002.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19**. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 21/08/2022.